

MENS PULCHRA IN CORPORE PULCHRO: PRÁTICA ESPORTIVA EM UMA COMUNIDADE NATURISTA

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo
Nepes/UFF

Recebido em 25 de dezembro de 2006

Aprovado em 19 de janeiro de 2007

Resumo

Neste artigo, realizado a partir de um ano de observação participante na comunidade “Colina do Sol” (RS), analiso as atividades esportivas em áreas naturistas a partir de dois eixos principais. O primeiro é a preocupação com a saúde e com a concepção holista do ser humano, herdada dos tempos em que o naturismo esteve associado à helioterapia. O segundo é a ênfase na pureza de corpos e mentes despidos de roupas e da competitividade da vida moderna, que é apresentada pelos naturistas como um dos diferenciais de sua filosofia de vida. Assim, nos jogos ocasionais ou nos torneios, organizados principalmente no verão, busca-se expressar o ambiente de harmonia e amizade que definiriam as áreas naturistas, sendo desvalorizadas a excessiva preocupação com a vitória, bem como exageros em sua comemoração ou qualquer comportamento que possa gerar ou expressar conflitos entre os adeptos do naturismo.

Palavras-chave: naturismo; esporte; corpo.

Mens Pulchra in Corpore Pulchro: Sportive Practice in a naturist community

In this article, made after one year of the participate observations in community “Colina do Sol” (RS), I analyze the sports activities in the naturism from two perspectives. The first one, is the preoccupation with health and the holist conception of man, inherit of ancient association between naturism and heliotherapy. The second is the emphasis in the innocence of bodies and minds without clothes and the modern life competitiviety, which is to naturists one of the differences of his way-of-life. Then, the games or tournaments, made principally in summer, express harmony and friendship that characterize the naturist areas. In this place is devalued the excessive preoccupation with the victory as well as exaggeration in his commemoration or conducts that could generate or express conflict among the naturists.

Key-words: naturism; sport; body.

Apresentação

Enquanto estive desenvolvendo a pesquisa de campo que originou minha dissertação de mestrado, sobre as relações de amizade entre estudantes de Medicina (Rojo, 2002), tive a oportunidade de acompanhar a realização da OREM (Olimpíadas Regionais dos Estudantes de Medicina), competição que engloba mais de uma dezena de esportes e mais de quinze faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Além disso, ocasionalmente, participava de jogos de futebol de salão, que um grupo de alunos organizava quase todas as sextas-feiras. Embora não tenha, na época do mestrado, desenvolvido a questão do esporte entre estes estudantes, chamou a minha atenção que, seja na informalidade dos jogos de fim de semana ou nas competições mais institucionalizadas como a OREM, o grau de competitividade e a agressividade com que estes estudantes jogavam (ou mesmo torciam, quando era o caso), igualava ou mesmo ultrapassava aquele encontrado entre profissionais do esporte.

Assim, não era incomum que provocações feitas durante ou logo após as partidas resultassem em confrontos físicos que, no caso da OREM, podiam envolver mais de cinquenta pessoas entre jogadores e torcedores das diferentes faculdades. Analisando retrospectivamente este material, não é difícil associar este aspecto de conflito, encontrado na prática esportiva dos estudantes de Medicina com quem realizei minha pesquisa, ao ambiente generalizado de competitividade em que eles se situavam. Os pequenos grupos de amigos em cada turma, as seis turmas que compõem o curso (seriado) de Medicina da UERJ (onde desenvolvi meu trabalho de campo), as diversas faculdades de Medicina (do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil, uma vez que há encontros nacionais periódicos) e a Medicina em relação aos demais cursos, encontram-se permanentemente demarcando seus limites e tentando estabelecer hierarquias entre si, em um movimento que muitas vezes é estimulado pelos próprios professores e pelas instituições em que eles estudam. Desta forma, a tensão que é vivida de forma mais contida no ambiente acadêmico

parecia encontrar no esporte (bem como em muitas das festas) um espaço onde ela é ao mesmo tempo reforçada e extravasada, em uma perspectiva muito próxima àquela estudada por Elias (1992).

Esta breve recuperação de alguns elementos de minha pesquisa anterior, serve como ponto de partida para a reflexão que pretendo desenvolver sobre a prática esportiva na Colina do Sol, comunidade naturista localizada no interior do Rio Grande do Sul. Dando continuidade aos estudos realizados no mestrado, minha intenção no doutorado era a de pesquisar as relações de amizade em pequenas comunidades, sendo a questão do naturismo um aspecto posteriormente incluído, quando da escolha do campo. O tema da relação entre esporte e naturismo, portanto, mais uma vez não estava entre meus objetivos, quando da elaboração do primeiro projeto de pesquisa. Entretanto, praticamente desde o meu primeiro dia em campo, ele surgiu como uma das áreas de interesse desta investigação, na medida em que pude ir percebendo como a prática esportiva na Colina do Sol se apresentava quase como o modelo perfeito das relações sociais, tais como idealizadas pelos naturistas. Desta forma, ao contrário do que havia observado entre os estudantes de Medicina com quem havia trabalhado no mestrado, os naturistas buscavam reforçar, através do esporte, os aspectos lúdicos e de construção de uma sociabilidade harmônica que buscam contrapor aos valores da sociedade moderna.

Neste trabalho, desenvolvido a partir de um ano de observação participante nesta comunidade naturista, pretendo apresentar algumas das características da prática esportiva no naturismo e analisá-las a partir de dois eixos principais. O primeiro é a preocupação com a saúde e com a concepção holista de ser humano, herdada dos tempos em que o naturismo esteve associado à helioterapia. O segundo é a ênfase na pureza de corpos e mentes igualmente despidos das roupas e da competitividade presentes na vida moderna, que é apresentada pelos naturistas como sendo um dos principais diferenciais de sua filosofia de vida. Assim, seja nos jogos

ocasionais ou mesmo nos campeonatos promovidos pela Colina do Sol, busca-se expressar no esporte o ambiente de harmonia e amizade que definiriam as áreas naturistas, sendo desvalorizadas socialmente a excessiva preocupação com o resultado das partidas, bem como exageros na comemoração das vitórias ou quaisquer outros comportamentos que possam gerar ou expressar conflitos entre os adeptos do naturismo.

Situações de jogo

A primeira característica que diferencia os jogos praticados na Colina do Sol dos esportes praticados em qualquer outro clube ou praia brasileira pode parecer óbvia, visto se tratar de uma área naturista é obrigatório que todos os que estejam jogando estejam completamente despidos, mas merece ser um pouco mais discutida. Em diversas áreas desta comunidade a nudez é opcional, sendo proibidas apenas roupas que sejam consideradas “provocativas”, como biquínis, “*tops*”, shorts curtos ou roupas de baixo. Apenas na praia (embora a Colina do Sol esteja no interior do Rio Grande do Sul, há uma praia de lago que foi construída pelos próprios naturistas), na piscina, na sauna e nas quadras de esportes a nudez é obrigatória.

É verdade que para dois pequenos grupos, um que defende a obrigatoriedade da nudez em toda a comunidade (excetuando-se apenas os meses de frio) e outro que, ao contrário, é partidário de que toda a Colina seja área de nudez opcional, não haveria esta distinção, mas a maioria dos moradores e frequentadores da Colina do Sol concorda com a atual divisão entre áreas obrigatórias e opcionais. A justificativa apresentada pelas pessoas com quem conversei sobre este tema tem por base a excepcionalidade da experiência da Colina (que é a única comunidade naturista da América Latina, diferenciando-se dos clubes e praias naturistas onde a nudez é normalmente obrigatória em toda a área).

Assim, para estas pessoas, a Colina é dividida em uma área residencial (aberta, inclusive, para a visitação de amigos e familiares não-naturistas) e um “clube naturista”, que seria exclusivo para os adeptos do naturismo, onde a nudez seria obrigatória.   interessante notar, no entanto, que ao contrário da praia, que por sua localiza o permite uma maior privacidade para os naturistas, as quadras de vôlei e tênis situam-se próximas a esta área residencial, permitindo na prática que as pessoas possam assistir aos jogos estando vestidas (alguns visitantes, mais inibidos quando de sua primeira vinda   Colina, acabam tirando a roupa pela primeira vez apenas para entrar na quadra e jogar, vestindo-se novamente assim que terminam cada partida). As poucas pessoas com quem conversei sobre se esta assistência não as incomodava, uma vez que se esta mesma atitude de estar vestido observando as pessoas nuas ocorresse na praia ela seria considerada imprópria (sendo associada ao “*vouyerismo*”), responderam que não “porque aqui   diferente, a praia já traz uma imagem mais erótica para estas pessoas. Aqui não, aqui quem assiste está esperando para jogar também, passando o tempo ou apenas se divertindo com as nossas jogadas, porque a gente joga tão mal que   divertido, mas não para ficar observando o corpo com desejo, isto está mais ligado   praia do que ao esporte.” (Caio¹, freqüentador de fim de semana).

O fato das pessoas praticarem esportes nuas, no entanto, se   o que mais chama a aten o para aqueles que estão visitando a Colina pela primeira vez, não   a única peculiaridade da prática esportiva entre os naturistas. Como já indiquei na apresenta o deste trabalho, os jogos e competi es que eles realizam parecem expressar, de forma mais aproximada que em qualquer outra situa o que eu tenha presenciado durante meu trabalho de campo, o ideal de perfeita harmonia, tanto entre corpo e mente de cada naturista quanto no relacionamento entre estes. As passagens de meu diário de campo, que transcrevo abaixo, são registros de ocasiões nas quais fui desenvolvendo esta compreensão.

Cheguei na Colina com a sugestão, dada por uma colega da UFRGS, de procurar um professor de Sociologia que ela sabia que frequentava esta comunidade. Desta forma, após algum tempo conhecendo a praia, que é o principal espaço de encontro na Colina, soube que este professor estava na quadra de vôlei. Assim que cheguei na quadra, as pessoas que estavam jogando me perguntaram se eu jogava e chamaram-me para entrar, o que muito me surpreendeu. Estava acostumado a, quando se chega em uma partida em andamento, principalmente se as duas equipes estão com o mesmo número de jogadores, aguardar o término da mesma e escolher um ou mais dos jogadores da equipe que perdeu para sair e dar a vez aos que estavam de fora. Aqui, no entanto, até completar o máximo de seis pessoas por time, todos os que chegam são convidados a jogar imediatamente e o próprio controle do placar é feito de forma pouco precisa, fazendo com que muitas vezes a partida recomece do seu início ou que eles cheguem a algum acordo sobre um placar aproximado.

06/01/2002 – Hoje foi realizada a competição de natação, organizada pela Fernanda. Será uma única prova, de revezamento e colocaram raias no lago até uma plataforma de madeira que fica mais ou menos na metade e normalmente serve de local para descanso e mergulho. A forma como a prova foi pensada segue o que tenho percebido ser um estilo da Colina. Assim, todos os que queriam participar (vinte e uma pessoas se inscreveram), independente de nadar bem ou não, tiveram seus nomes colocados em papéis e decidiu-se por formar três equipes (havia apenas três raias) e que sorteariam apenas o primeiro de cada equipe e estes, ao saírem da água é que sorteariam o próximo (a Fernanda ficou com uma caixa com todos os papéis dentro) e gritava para que este caísse logo na água. A idéia, com este procedimento, era a de diminuir a formação de torcidas (uma vez que cada um e os que assistiam só sabiam em que equipe cada um estava depois de ser sorteado) e, conseqüentemente, o clima de competição, enfatizando o caráter de festa do evento, inclusive porque alguns chegavam tão cansados que mal conseguiam gritar o nome do próximo a entrar em suas equipes, o que provocava ainda mais confusão. Ter participado junto com eles, permitiu-me observar, de dentro, como as pessoas vivem estes jogos em um clima mais de brincadeira do que de competição. De noite, comentando minhas impressões sobre este evento em um churrasco, ouvi de muitas pessoas que no início da Colina tudo ali era assim, mas que com o crescimento da mesma têm-se perdido este clima de brincadeira, de harmonia e têm surgido muitos conflitos. Algumas pessoas, elogiando a iniciativa da Fernanda, falaram que seria muito bom para a comunidade se este espírito do esporte se espalhasse para as outras áreas.

05/04/2002 – Novamente jogando vôlei observei um comentário particularmente interessante. Em um lance da partida, a bola caiu bem perto da linha (chegando a tocar levemente esta), mas o time que teria marcado o ponto não percebeu e considerou bola fora. No entanto, o jogador que estava próximo acusou o ponto e um outro do mesmo time comentou: ‘essa honestidade do pessoal daqui é que mata’. Embora seja possível encontrar, em alguns esportes profissionais, comportamentos semelhantes (como no caso do tênis), sempre me vem à lembrança os jogos dos estudantes de Medicina, em que uma atitude semelhante seria motivo de gozação dos adversários e críticas dos companheiros de time. Ao mesmo tempo, observo que não há nunca críticas aos erros daqueles que jogam pior do que outros, sendo muito mais comum palavras de apoio ou, como percebo mais nas partidas de tênis, sugestões para melhorar o jogo por parte daqueles que têm melhor técnica.

Concluo esta parte apresentando trechos de uma reflexão sobre a relação do esporte com o naturismo, feita por uma das pessoas que organizavam estes jogos na Colina do Sol alguns anos antes de minha entrada em campo:

A atividade física revela-se de extrema importância para o equilíbrio do indivíduo, em todos os aspectos: físico, emocional e espiritual. O ser humano conquista a homeostase, a alegria de viver, o sentido da existência. Atividade é movimento, ação, energia. (...) O jogo é fator de união entre as pessoas. Evidencia diferenças. Salienta regras. Por meio do jogo, o homem encontra a si mesmo, e também seu semelhante. (...) Pode-se, então, imaginar o valor deste estado de ânimo em jogos e competições esportivas, quando o maior propósito é o convívio, a confraternização, o desenvolvimento das amizades. E este é, sem dúvida, o propósito fundamental dos eventos realizados nos clubes naturistas, como a Colina do Sol. (...) Por isso, é preferível perder um ponto, e mesmo o jogo, concedendo a razão ao adversário, do que perder preciosas amizades ou deslustrar o clima de confraternização. Também os elogios constantes às jogadas bem executadas são recomendáveis. Podemos, assim, afirmar que o espírito esportivo é mais importante que o resultado do jogo, pois propicia a fraternidade calorosa entre todos (R.G.S.)².

Este depoimento, de certa forma sintetiza os dois eixos que irei desenvolver na análise da prática esportiva entre os naturistas da Colina do Sol: a inserção do esporte na concepção holista do ser humano (físico-emocional-espiritual) e a idéia do jogo como um espaço de afirmação do ideal naturista de relacionamento fraterno e harmonioso, em contraponto à competitividade da vida moderna.

“Mens sana in corpore sano”: a concepção holista no naturismo

A origem do naturismo remonta à metade do século XIX, mais particularmente ao ano de 1855:

quando o austríaco Arnold Rickli funda em Viddes um estabelecimento de curas atmosféricas no qual a exposição ao ar das florestas pressupõe a nudez dos curandos (...). Na Alemanha, Heinrich Puder associa-a, em 1893, aos seus banhos de ar e sol e, na França, Kienné de Mongeot chega ao nudismo em 1920, depois de ver seu pai morrer de tuberculose (Bologne, 1986:401).

Pode-se perceber, então, que o naturismo, em seus primeiros momentos, estava inserido em uma concepção médica, fortemente influenciada pelo romantismo alemão, que via no retorno

a uma concepção idealizada de natureza e na percepção do corpo como uma totalidade à alternativa para os “males da modernidade”. Somente no início do século XX, principalmente na Alemanha, é que o naturismo começa a adquirir autonomia como um movimento com características próprias. Em 1906, a Aliança Alemã de Nudo-naturismo organiza grupos de jovens que promovem banhos nus em lagos e rios. Este movimento irá adotar idéias nacionalistas e anti-semitas do pré-nazismo e servirá de base ao que Bologne denomina de “naturismo fascista” (para o distinguir de outras correntes que tentavam desenvolver o naturismo em uma vertente hedonista), que exalta “o grande movimento são, que com o desporto ao ar livre e o naturismo, devolvia a juventude à vida limpa e, ao mesmo tempo, a uma consideração mais serena e quase indiferente da nudez” (Laplatte, 1967:116).

Assim, começa a se desenhar a relação entre naturismo e esporte, reforçada pela recuperação romântica dos padrões gregos (da qual a retomada do movimento olímpico é um dos exemplos de maior sucesso) que contrapunham a nudez dos atletas gregos “civilizados” ao costume “bárbaro” de cobrir as genitálias durante as competições dos jogos olímpicos da antiguidade (Sennett, 1997) e pela manutenção de uma perspectiva holista de integração entre mente e corpo, que é sintetizada na expressão “*mens sana in corpore sano*” (mente sã em um corpo sã).

Deste modo, a percepção deste grupo associa o corpo naturista a um corpo saudável, em uma compreensão da saúde que vê o ser humano como um ser total, onde a nudez e a prática de esportes se conjugam na busca de um equilíbrio e não na procura da modelagem de um corpo socialmente definido como perfeito. A prática esportiva, portanto, é vista neste ambiente como uma das muitas formas de relacionamento entre os naturistas, enfatizando o aspecto de uma sociabilidade sadia, e não como um meio de obtenção de um padrão corporal, tal como pode ser

encontrado em muitas das atividades realizadas em diversas praias do litoral brasileiro, como descrito por Malysse (2002).

Esta perspectiva encontra-se presente desde os primeiros passos da implantação do naturismo no Brasil, como pode ser lido na “*Revista de Gymnosofia*”, onde afirma-se que “para nós, naturistas, somente a saúde importa. Não damos importância às formas; os nossos adeptos nunca nos parecem feios, nem consideramos a existência de um Adonis ou de uma Vênus” (1952). De forma muito semelhante ouvi, durante todo o período em que estive em campo, muitos naturistas afirmarem que a verdadeira beleza é aquela do corpo em equilíbrio com a natureza, buscando afastar a idéia de que o naturismo seria uma prática restrita aos homens e mulheres de corpos “esculturais”, tais como os divulgados pela mídia. Se compararmos com as frases recolhidas por Malysse, tais como: “Se você tem um corpo bonito, mostre-o!”; “Trabalhe seu corpo se quiser mostrá-lo e usá-lo socialmente!” e “Você pode ter o corpo que deseja, se quiser!” (2002:82), podemos perceber a diferença entre a idéia de construção/exibição do corpo, encontrada nas praias pesquisadas por este autor e na maioria das academias de ginástica onde os corpos são “malhados”³ e a perspectiva naturista da nudez enquanto retomada de uma harmonia com a natureza e não como exibição de corpos nus.

Mens pulchra in corpore pulchro: amizade e harmonia na prática esportiva naturista

Esta mesma idéia de harmonia de um corpo em equilíbrio com a natureza reflete-se na recuperação de um ideal de “natureza humana” boa e pura, tal como o “bom selvagem” (não por acaso também concebido por Rousseau como vivendo nu). Assim, a nudez dos corpos torna-se, na perspectiva naturista, um símbolo deste retorno à natureza que igualaria os seres humanos e que permitiria a recuperação de uma “essência propriamente humana”, enquanto a roupa

significaria o mundo da cultura, das desigualdades, da competitividade do mundo moderno, da “aparência” que conduziria ao artificialismo das relações sociais.

Esta percepção da nudez como metáfora pode ser encontrada em declarações dos próprios naturistas, como Carlos que, tentando me explicar o porquê da nudez, disse que:

livrar-nos das roupas é uma metáfora. É um ato de coragem para se tentar eliminar as amarras do sistema, que através dos séculos nos oprime, utilizando-se das mais variadas ferramentas para manipular e camuflar nossa natureza, aquilo que nos é genuíno. Despir-se, em comunhão, expressa a tentativa de retorno ao que é original.

Como fui descobrindo no decorrer da pesquisa, este “original” é constantemente aproximado ao que eles imaginam como tendo sido o Paraíso bíblico, que serve de referência mesmo para aqueles que não se afirmam como cristãos. Assim, os naturistas poderiam estar “novamente” nus porque, tal como no Paraíso antes do pecado original, eles teriam reconquistado a pureza presente no ser humano antes do advento da “cultura” (principalmente do desejo sexual, o que permite compreender a proibição da ereção em áreas naturistas). Desta forma, pureza, harmonia e cooperação, seriam as marcas dos relacionamentos sociais entre os naturistas que viveriam o que uma de suas principais lideranças denominou de “amizades de criança”, em um livro que escreveu sobre o naturismo:

Quando crianças, somos autênticos e abertos, receptivos. Os conhecimentos e amizades que se formam então, são puros e verdadeiros. Não se formam baseados em imagens distorcidas, provenientes de disfarces forjados pra a ocasião. A receptividade não está bloqueada por preconceitos e defesas. Os vínculos que se constroem são mais fortes. Neste sentido, no ambiente naturista ‘voltamos a ser crianças’ e temos, novamente, a possibilidade de fazermos ‘amigos de infância’ (Rossi, 1993:211).

A “amizade de infância” é, desta forma, uma metáfora que eles mesmos utilizam para associar o tipo de relacionamento social, idealizado pelos naturistas, com a “pureza” e o “desinteresse” das amizades que são, neste grupo e em diversos outros setores sociais, atribuídas às crianças. Dentro desta concepção, os naturistas entendem que, neste grupo, as pessoas se relacionariam umas com as outras apenas pelo prazer de estarem juntas, não visando quaisquer

vantagens pessoais e nem sujeitas aos preconceitos sociais, constituindo um ambiente de total harmonia.

Se este discurso oficial do naturismo é praticamente unânime no que diz respeito ao ideal de amizade generalizada, ele encontra vozes dissonantes, tanto entre alguns dos que frequentam a Colina do Sol, quanto em muitos dos que optaram por abandonar ou foram expulsos desta comunidade, no que diz respeito ao equilíbrio entre controle/liberdade. Assim, na medida em que convivia entre os naturistas, fui percebendo que, ao contrário do que imaginam muitos dos não-naturistas (observado tanto entre aqueles com quem conversei sobre a pesquisa, como em depoimentos recolhidos na mídia), o naturismo não pressupõe uma ampliação da liberdade e um espaço de relaxamento do autocontrole. Pelo contrário, como Foucault (1988) já havia indicado em relação à sexualidade, a maior visibilidade do corpo pode estar, e na minha percepção sobre o naturismo efetivamente está, associado ao exercício de um maior controle sobre este mesmo corpo e, retomando a tese central de Foucault, sobre a sexualidade deste corpo.

Este controle explicita-se de imediato na recepção da Colina do Sol, onde o visitante recebe um folheto com as “Normas Éticas do Naturismo no Brasil” que, entre outros aspectos, “condenam todos os comportamentos sexualmente ostensivos” (leia-se, principalmente a proibição da ereção, mas também beijos e carícias mais “ostensivas”). Também são objetos de normatizações o horário de silêncio, que foi responsável inclusive pelo término prematuro de festas organizadas pelos próprios naturistas, e a comercialização de produtos e serviços, sob a forma de monopólios, para evitar disputas que possam afetar o ambiente de harmonia que se pretende manter nas áreas de naturismo.

Todas estas regras, este controle externo que reforça o já elevado grau de autocontrole que as pessoas demonstram nas áreas de naturismo, não são suficientes, no entanto, para concretizar na vivência do cotidiano este mundo paradisíaco sonhado pelo naturismo, onde o conflito seria

inexistente. As necessidades materiais daqueles que vivem na comunidade e dela retiram seu sustento, principalmente através de serviços prestados aos naturistas que frequentam a Colina do Sol nos fins de semana e períodos de férias; críticas à ausência de democracia nos espaços de deliberação, uma vez que o casal fundador da comunidade mantém o poder de decisão em última instância, entre outros temas, levam à proliferação de espaços de tensão que, embora na maioria das vezes sejam mantidos fora da vista daqueles que apenas visitam a Colina do Sol, aparecem para aqueles que convivem com o dia a dia desta comunidade.

No entanto, ao contrário do que poderia supor uma leitura superficial da contribuição de Elias e Dunning (1992) à análise da prática esportiva, os trechos do diário de campo apresentados neste trabalho indicam que os conflitos existentes na comunidade não se expressam nem nos jogos cotidianos nem nos campeonatos organizados na Colina do Sol. Pelo contrário, o que pude perceber é que se os ideais expressos pela filosofia do naturismo podem ser encontrados em alguma atividade daquela comunidade, é justamente nas diversas ocasiões em que eles estão praticando esportes que eles devem ser procurados. Desde a participação de várias pessoas na construção da quadra de vôlei de areia, onde este trabalho comunitário era apresentado para mim como uma prática que havia marcado os primeiros dois ou três anos de existência da Colina do Sol e que hoje estaria praticamente desaparecido, até a presença de homens e mulheres; crianças, jovens, adultos e idosos e pessoas com os mais diferentes perfis corporais nas equipes que se formavam (mesmo nas competições), tudo o que envolve o esporte parece ser entendido pelos naturistas como a possibilidade de se viver um outro estilo de vida, que privilegie a harmonia de mentes puras em corpos puros (*mens pulchra in corpore pulchro*).

Para construir uma interpretação do que levaria a esta constituição da prática esportiva como sendo quase um tipo ideal das relações socialmente valorizadas no naturismo, quero retomar o trabalho de Elias, principalmente sobre a busca da excitação através do esporte.

Analisando o surgimento e o desenvolvimento do esporte, principalmente na Inglaterra dos três últimos séculos, Elias exercita seu modelo de configurações sociais, cujos contornos principais havia estabelecido em sua obra clássica sobre o processo civilizador (Elias, 1989). Assim, o esporte moderno deve ser entendido como uma das muitas facetas das configurações sociais em que está inserido e não como um fenômeno a-histórico. Desta forma, Elias irá associar o desenvolvimento do esporte moderno ao processo civilizador que ocorre na Europa ocidental, tendo na Inglaterra um dos seus primeiros expoentes, que dentre outras características impõe uma maior capacidade de contenção das emoções. O impacto desta maior capacidade de autocontrole sobre o esporte é duplo.

Por um lado, as atividades de lazer em geral, da qual o esporte seria uma de suas expressões, surgem como uma possibilidade do que Elias e Dunning irão chamar de “controlado descontrolado das restrições das emoções” (1992:146), ao se constituir como um espaço socialmente legítimo para o abrandamento dos mecanismos de controle da excitação que a vida social passava a impor. Por outro lado, fazendo parte deste mesmo “processo civilizador”, a atividade esportiva também deve ser regulamentada por regras e padrões universais de comportamento dos atletas e da assistência, garantindo inclusive que o relaxamento do autocontrole, estimulado no esporte, se dê sempre dentro de limites que garantam a excitação procurada nesta atividade mas sem os riscos de subverter os padrões de convívio socialmente aceitos.

Entendo, desta forma, que a análise de Elias e Dunning não conclui que o esporte seja, em si mesmo, um espaço de liberação das tensões socialmente contidas pelo processo civilizador, mas que o estudo da prática esportiva deve ser realizado levando-se em consideração o contexto social no qual se desenvolve. Assim, se é possível entender a prática do naturismo como um passo adiante neste mesmo processo civilizador, ao ampliar o autocontrole sobre o corpo (que

tem sua expressão mais visível no controle da ereção, mas que também se encontra presente nos padrões de olhar e de se cumprimentar, entre outros), devemos pensar sobre como esta prática se relaciona com a atividade esportiva, principalmente na Colina do Sol, que dada a sua importância como principal centro de naturismo nacional, adquire uma visibilidade maior neste movimento.

Como já foi apresentado neste trabalho, o naturismo se define como um movimento que, para além da prática da nudez em sociedade, procuraria retornar ao que eles consideram como os valores originais do ser humano: harmonia, pureza, bondade, amizade e solidariedade. A idéia de formar uma comunidade naturista, que acompanha este movimento desde a sua consolidação no final da década de oitenta, tinha como um dos objetivos centrais, mostrar que era possível um estilo de vida, mais do que uma atividade de lazer, calcado nestes valores. No entanto, como foi visto, as tensões resultantes de disputas comerciais e de projetos para esta comunidade, tem mostrado a dificuldade de se concretizar o ideal de uma pequena comunidade onde os conflitos estivessem ausentes. Estas tensões, por sua vez, não podem ser expressas publicamente, tanto pelo caráter extremamente centralizador das esferas de decisão nesta comunidade (que em última instância está concentrado nas mãos do casal de fundadores), quanto pelo risco do aparecimento destes conflitos, reduzir o principal atrativo desta comunidade.

É neste sentido que a prática esportiva na Colina do Sol reúne elementos que a transforma em uma das principais vitrines dos valores centrais do naturismo. O primeiro destes elementos é o fato de os diversos jogos normalmente integrarem moradores, frequentadores habituais e visitantes (impondo a necessidade de que as tensões internas não sejam percebidas por estes últimos, o que poderia afastá-los, com consequências imediatas no crescimento do movimento naturista), sendo também uma das atividades, junto ao banho de lago, mais praticadas na Colina do Sol. Além disso, dada a característica de disputa com que o esporte é tradicionalmente associado na sociedade mais ampla, a ênfase naturista no jogo como um espaço de negação da

competitividade a qualquer custo e de valorização do sentido lúdico e associativo da prática esportiva possibilita a contraposição entre dois estilos de vida antagônicos (o naturista e o dos “vestidos”), que é um dos pilares da proposta do naturismo.

Referências bibliográficas

BOLOGNE, Jean-Claude. 1986. *História do Pudor*. Lisboa: Editorial Teorema.

COURTINE, Jean-Jacques. 1995. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, Denise (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade.

ELIAS, Norbert. 1989. *El proceso de la civilización*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.

ELIAS, Norbert. 1992. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. 1992. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial.

FOUCAULT, Michel. 1988. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Edições Graal,.

FUSSEL, Sam. 1991. *Muscle: the confession of an unlikely body-builder*. New York: Poseidon Press.

LAPLATTE, Claude. 1967. *L’outrage public à la pudeur et la contravention d’affiches indécentes*. Troyes: Ed. De la Renaissance.

MALYSSE, Stéphane. 2002. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record.

Revista de Gymnosofia. N° 1. Rio de Janeiro, 1952.

ROJO, Luiz Fernando. 2002. *Os diversos tons do branco: relações de amizade entre estudantes de Medicina*. Rio de Janeiro: Litteris.

ROSSI, Celso. 1993. *Naturismo: a redescoberta do homem*. Porto Alegre: Magister.

SABINO, César. 2002. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record.

SENNETT, Richard. 1997. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.

Notas

¹ Todos os nomes foram substituídos por pseudônimos para preservar o anonimato daqueles que se dispuseram a colaborar com a pesquisa.

² Este depoimento foi retirado da revista *Naturis*, órgão de divulgação do naturismo no Brasil, nº 13, de jan/fev 1997.

³ Malysse faz uma interessante comparação entre os dois sentidos de “malhar”: “bater o ferro com um martelo” e “fazer ginástica vigorosamente” (2002:83), aproximando-os na perspectiva de um trabalho sobre o corpo. Diversos trabalhos têm focado estes espaços de “construção e aperfeiçoamento” do corpo, tais como Fussel (1991), Courtine (1995) e Sabino (2000).

Informações do autor

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Autor de “Os diversos tons do branco: relações de amizade entre estudantes de Medicina”.

Av. Maracanã, 480/505. Maracanã. Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20271-111.